

*Tudo se ilumina
apra aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos e
aponta-vos o ca-
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Avenida da Boavista 851 — PORTO
(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao directori- -

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO PORTO, L.d.^a
Rua de S. Bento da Victoria, 10
PORTO

O Apostolo dos Maranos

(Recordações de viagem em Portugal)

I

O Sud-Expresso alinhou-se ao longo do caes da esfumada estação do Porto, com injustificada solenidade.

Descemos e olhamos em redor. Tínhamos escrito ao Apostolo dos Maranos anunciando-lhe a nossa provavel chegada, e julgavamos encontrar esperando-nos no caes qualquer tipo fanatico de olhar duro. Em disto a unica pessoa que ali se encontrava, aparentemente para o caso, era um individuo bronzeado pelo sol, de aspecto jovial, cheio, mas de estatura um pouco inferior á media: em summa um perfeito exemplar daquilo que em todo o mundo se costuma apresentar como o tipo do official inglês de Marinha.

Finalmente, quando se convenceu de que não podia haver duvida alguma, aproximou-se e dirigiu-me a palavra:—«Vous êtes Monsieur le Docteur Cecil Roth de Londres?» perguntou-se em tom de certa surpresa, em bom francês. Confessei essa minha culpa, e ele tirou o chapéu com um gesto digno duma côrte, e apresentou-se cerimoniosamente: «Le capitaine Artur Carlos de Barros Basto». Puzemo-nos a rir ambos os dois; ele com a maior razão de mim, porque tinha calculado vir encontrar uma imponente personagem de barba grisalha. Disse-lhe que me sentia honrado por fazer o seu conhecimento.

Por esta vez, isto não era uma frase convencional. O homem com o qual me encon-

trava pela primeira vez, é sem duvida um^a das mais marcantes personalidades hebraica do nosso tempo.

Artur Carlos de Barros Basto nascera em 1887 em Amarante, uma pequena localidade proxima do Porto.

Pertence a uma familia de Maranos, descendente daqueles hebreus, que foram contrangidos pela força a abraçarem o Cristianismo, ha cerca de 400 anos, mas que tinham continuado, a despeito das perseguições seculares, a manterem os seus corações fieis aos ideais religiosos dos seus avós.

Nesta fidelidade foi dum modo tenaz o seu avosinho. Foi ele que inspirou ao neto o seu entusiasmo hebraico. O que porém devia ser necessariamente compreendido na sua manifestação.

Em 1497 todos os hebreus de Portugal foram brutalmente convertidos à viva força ao cristanismo por ordem do rei D. Manuel I. Diferentemente do que se passou em outros paizes, não lhes foi concedida a faculdade de preferirem a emigração ao martirio. Quasi todos os hebreus do paiz: homens, mulheres, creanças, submeteram-se, contra sua vontade, á beatice real.

Sucessivamente, por um periodo de quasi 3 seculos, em Portugal dominou em tudo a Inquisição. As praticas do Hebraismo foram totalmente proscritas. Mais de quatro mil pessoas foram processadas pelo Santo Officio,

sobretudo como hebraisantes, e um notavel numero destes sofreu a pena capital. Uma palavra pronunciada por acaso era bastante para condenar um homem ao patibulo. Ser surpreendido por qualquer a mudar de roupa ao sabado ou dias festivos, ou a jejuar no dia da Expição, equivalia a uma sentença de morte.

Em taes condições foi impossivel aos maranos continuarem a observar um hebraismo integral: separados como estavam de todas as comunicações com o vastissimo mundo hebraico estrangeiro e das fontes classicas do espirito hebraico.

Necessariamente assim muitas das tradições dos seus Paes, caíram em desuso e é para admirar tudo quanto conseguiram conservar: não só preceitos biblicos, com os quaes tinham maior ocasião de manter-se familiarizados, mas tambem algumas praticas tradicionais de menor importancia. Continuaram a observar o Sabado, acedendo sempre a lampada á sexta-feira á noite para celebrar-lhe a entrada; jejuavam no dia da Expição, se bem que com fim de enganar os espiões da Inquisição, o retardavam 24 horas, do decimo para o decimo primeiro dia depois da lua nova. Celebravam a Pascoa, comendo pão sem levadura, tambem adiantando-a de um dia. Muitos outros vestigios da antiga pratica hebraica ficaram em vigor entre eles, mas sobretudo salvaram aquilo que era essencial na fé hebraica: a observancia do mais puro monoteismo e a rejeição completa das praxes do ambiente cristão que os cercava.

Na segunda metade do seculo XVIII a Inquisição foi abolida em Portugal. Todavia não se deve porisso julgar que os Maranos podiam imediatamente porem-se em evidencia e regressar á publica observancia da religião ancestral. Embora o hebraismo não fosse já um crime capital, o pratica-lo, era contudo uma coisa de discutivel legalidade. Os preconceitos do povo continuavam inalterados, e alem disso a tradição do culto secreto já inveterada por três seculo de habito, não podia facilmente destruir-se. Por este motivo os Maranos continuaram a sua duplice vida, prestando com os labios obsequio ao Cristianismo, permanecendo porem hebreus no intimo do coração.

Finalmente a declaração da liberdade de consciencia, chegada com a proclamação da republica em 1910 mostrou-se insufficiente

para suprimir os habitos inveterados de seculos, e a pratica do cripto-judaismo continuaram quasi sem modificação: Tão rigorosamente se mantinha o segredo, que a generalidade das pessoas cultas estavam convencidas, que os Maranos de Portugal estavam já absorvidos pela restante população, e porisso a sua descoberta feitas nestes ultimos anos foi acolhida nos meios intellectuais como uma das mais impressionantes revelações dos tempos modernos.

Era esta a atmosfera de cerrado hebraismo, na qual nasceu Artur Carlos de Barros Basto. A sua origem hebraica póde dizer-se que se revelou na excepcional e multiforme actividade que começou, a manifestar desde a sua juventude. Homem de acção, empregou a sua vocação na carreira das armas, tornando-se militar. Foi um dos primeiros a aderir ao movimento revolucionario de 1910, da qual data o movimento do Portugal moderno. Foi ele que num dia memoravel, deste ano hasteou a bandeira republicana no Municipio do Porto, com risco de vida e foi em seguida levado em triunfo atravez as ruas pelo povo delirante. Durante a guerra prestou serviço no corpo expedicionario em França, na frente britanica duma maneira excepcionalmente distinta, e foi varias vezes condecorado e citado na ordem do dia. A ele se deve a instituição em Portugal dos boy-scouts dos quaes é um apaixonado campeão.

Ao mesmo tempo notabilizou-se como escritor e é membro da censura literaria que se estabeleceu no Porto.

II

Os primeiros passos do retorno

Contudo, no meio de toda esta profusão de actividade, andava pouco e pouco lavrando em Barros Basto um sentimento de hebraicidade que não podia ser reprimido, uma incoercivel sensação da potencia da religião hebraica e da sua identificação com a massa do povo hebraico.

Já antes da guerra tinha começado a frequentar a sinagoga de Lisboa e a estudar a lingua hebraica da qual possui actualmente um conhecimento insolito para um autodidacta. Mas a Comunidade officiaj, educada nas pavidas tradições do seculo passado, hesitava em conceder-lhe qualquer encorajamento. (É preciso lembrar que até á Revolução os

hebreus vivem em Portugal sómente num regimen de tolerancia. A sua denominação official era «A colonia hebraica» e o projecto para a sinagoga de Lisboa, submetido á approvação da autoridade, foi devolvido para ser modificado de forma a que não desse a impressão de se tratar dum edificio destinado ao culto!). Seja como fôr, terminada a guerra, o sentimento hebraico de Barros Basto tornou-se demasiado potente para poder ser por mais tempo sufocado. Neste momento, estava lá bem sciente da frieza da Comunidade local para o encorajar. Dirigiu-se a Tanger, entrou oficialmente a fazer a tazer parte da grei hebraica e pouco tempo depois pesposou uma graciosa senhora pertencente a uma das mais distintas familias da Comunidade de Lisboa, realizando assim a sua aspiração de fundar uma verdadeira casa hebraica.

Neste tempo foi colocado na guarnição do Porto com o posto de capitão de infantaria. Quando em 1497 os hebreus portuguezes foram forçadamente convertidos, a principal sinagoga desta cidade foi cedida aos beneditinos, que a transformaram numa igreja da qual ainda existe parte da estrutura primitiva. Visinho dela, na antiga judiaria, foi depois construido um mosteiro, modernamente requisitado pelo Estado e transformado em uma prisão militar. Deste estabelecimento foi nomeado director o capitão Barros Basto; mais curioso exemplo da ironia da historia não se podia imaginar.

Mas no Porto, apesar de, em importancia, ser a segunda cidade de Portugal, não existia ainda uma comunidade hebraica oficialmente constituida, os poucos emigrantes que ali chegavam nos ultimos tempos do setentrião e do Oriente da Europa, eram desprovidos do espirito de iniciativa necessario para organisarem a sua vida religiosa.

Com a sua caracteristica energia, o nosso militante prosélito lança mão á obra infundindo nos outros parte da sua actividade. Em breve tempo foi organizada uma comunidade, que tomou o nome significativo de Mekor H'aim (Fonte de Vida) e foi instituida uma sinagoga provisoria.

Mas isto era apenas o inicio. Como bom combatente, Barros Basto achava-se resolvido a conduzir os seus companheiros maranos á mesma completa reconquista do hebreismo dos seus avós, da qual ele proprio gosava. Poz-se em contacto no Porto com alguns

deles, que conduziu á sinagoga, conseguindo fazer entrar alguns no hebraismo official. Entre estes ultimos, encontrou alguns dos seus colaboradores mais entusiastas. Por aqui não se tratava senão de individuos isolados. O grosso nucleo dos maranos reside nas aldeas e nas vilas da região montanhosa proximo da fronteira espanhola, donde vieram os que actualmente habitam no Porto, isto é na provincia da Beira, Traz-os-Montes, etc.

Era necessario ir ter alguem com essa gente; e a tal fim Barros Barros Basto consagrou a maior parte do escasso tempo que lhe deixavrm livre as suas obrigações militares.

III

Romance Vivido

O que aconteceu durante estas duas excursões constitue talvez o episodio mais romanesco de toda a historia contemporanea

Algumas destas localidades são ainda excetricas onde se não pode ir lá de caminho de ferro, e os seus habitantes vivem ainda completamente isolados de todo o resto do mundo. E' tipica, entre ontras, a seguinte anedota. Uma deligencia ia rodando por uma estrada poeirenta, enquanto os passageiros se punham a conversar entre si. A um individuo de aspecto amavel que estava nsentado a um canto, foi perguntado para onde se dirigia. Quando ele disse, todos os outros procuraram dissuadi-lo. «Tenha cuidado, lhe disseram, que essa terra está cheia de hebreus? (Querendo dizer, naturalmente, Maranos.)

—«Deveras? — respondeu o forasteiro—e como isso é bastante interessante, porque tambem eu sou hebreu.» Os outros ficaram interditos, e manifestaram o seu desdem com alguns murmurios. Por outro lado, na primeira paragem, o proprietario da deligencia tomou de parte o forasteiro, e lhe revelou que tambem ele era hebreu e que tambem ele era hebreu e que adorava o grande Deus do Ceu «Adonai». (E' singular como como sobreviveu entre os Maranos esta expressão, quasi unica da lingua hebraica, que porem era tão familiar aos seus avós). E em seguida foram-lhe fornecidos diversas uteis informações relativas á composição da Comunidade marana do logar.

Chegado ao seu destino, o Mensageiro do

Resgate (como graciosamente se qualifica a o próprio) veste o uniforme e vai visitar o comandante da guarnição local, para demonstrar de uma forma evidente que o seu programa não tem opposição alguma da autoridade. Em sua companhia, às vezes, apresenta-se depois em casa dum dos mais conspícuos maranos da localidade, onde se fará uma reunião. Ali, provavelmente pela primeira vez após mais de 4 séculos, celebra-se uma função publica segundo o rito hebraico tradicional. Os olhos de muitos dos presentes humedecem-se de lagrimas; lagrimas de alegria pelo grande acontecimento ao qual tem a sorte de assistir, lagrimas de receio que a iniciativa seja ainda demasiado arriscada.

Segue-se depois um apaixonado discurso, e na reunião seguinte constitue-se oficialmente uma comunidade com o seu Presidente e com o seu *Mahamad* e com a sua significativa denominação hebraica. Numa destas ocasiões, um medico que tinha acompanhado Barros Basto (ex-marano como ele) iniciou em dois dias no pacto da aliança um miniau completo de adultos, pertencentes todos á fina flôr das famílias da cidade. De tal forma quasi meia duzia de comunidades foram ressuscitadas durante os ultimos anos.

Acerca desta visita contam-se coisas extraordinarias. Narraram-me que um velho de cerca de 70 anos, quasi cego, se lastimava de não poder contribuir com o seu esforço para a boa obra.»

Porém eu tenho os meus filinhos—disse—tome conta deles. Encontrei-os no Porto: belos jovens, de intelligencia vivaz (um no inicio dnma brilhante carreira intelectual), inteiramente dedicados ao Mestre e aos seus idiais. Entre os grupos de Maranos repete-se com religiosa reverenciá a anedota de um certo, que sendo surdo ha muitos anos, dirigindo uma oração ao Deus de Israel, enquanto se acendia pela primeira vez a lampada perpetua na sinagoga da sua idade, de recente instituição, recuperou o ouvido. Nesta localidade logo se apresentou ao governador uma deputação de senhoras catolicas, as quais lhe pediram para mandar fechar a sinagoga ha pouco inaugurada, que lhes parecia constituir uma ofensa á moralidade publica. Ele recuseu-se decididamente dizendo:—Que farieis vós se os hebreus me viessem pedir para mandar fechar a igreja?»

Por outro lado, as dificuldades a vencer

são enormes. O hebraismo secreto e tão profundamente enraizado em muitas pessoas, quo lhes parece agora sacrosanto, e a unica maneira para adorar o seu Deus, e a consideram virtualmente uma impiedade a publica profissão da sua fé. Outros vivem uma vida muito afastada da actual, não fazendo a menor ideia dos progressos nos dois ultimos seculos, e temem que uma manifesta adesão ao hebraismo possa leva-los ás garras da Inquisição. A grande distancia e a deficiencia de meios aumentou a dificuldade da situação. Apesar de tudo o trabalho continua a fazer constantes progressos.

IV

Actividade multiforme

Mas estas visitas de propaganda constituem só um lado da fenomenal actividade de Barros Basto: era necessário fazer alguma coisa que estabelecesse o contacto entre os nucleos isolados e a vida hebraica dos dias de hoje. Para este fim Barros Basto faz sair um jornal hebraico—o único do país—intitulado «Ha-Lapid» na direcção do qual poz um dos seus jovens adeptos. Ali se publicam noticias resumidas de interesse hebraico quer de Portugal, quer do Estrangeiro, artigos variados e os primeiros elementos da prática tradicional (especialmente referentes a qualquer festa próxima) Estes ultimos são na sua maior parte extraídos do «Tesouro dos Dinim» que Menassch Ben-Israel compilou há três séculos para os maranos de Amsterdam. Este jornalsinho é largamente espalhado entre as várias familias de origem hebraica e tem prestado muito bom serviço. Os novos adeptos são, como é natural, completamente ignorantes do hebraico, porisso Barros Basto traduziu na lingua do país grande parte do ritual, que vai publicando em fasciculos: a função de sexta-feira à noite, a Hagadá de Pascoa, as orações e as cerimoniaes pelos mortos o moribundos, etc. Ao mesmo tempo continua a sua produção litteraria e recentemente publicou uma notavel monografia sobre a historia dos hebreus do Porto.

Muitas das coisas eram-me já conhecidas, e outras me andava contando o Apostolo dos Maranos, numa sexta-feira á noite, enquanto passeava-mos pela cidade. Era impossivel não ser impressionado com a sua

personalidade, talvez a mais magnética de quantas eu me havia aproximado.

E' exuberante de actividade e de energia; tem sem duvida qualquer coisa de gasção no seu temperamento, mas unido a uma tal jovialidade que o põe acima de toda a crítica. O que nele me impressionou mais foi o seu senso de «Humor» tenomemo não muito comum num propagandista. Os seus olhos brilhavam continuamente de malicia. uma vez ou duas, para pô-lo á prova acenei-lhe com qualquer velha historieta hebraica; mas não era preciso andar muito a fundo porque ele estava sempre pronto a dar-me em troca com uma das suas. Não corresponderá, talvez, exactamente á sciencia o que vou dizer, mas eu não posso deixar de pensar que para confirmar a sua origem hebraica contribue o seu sentimento hebraico do «Humor».

V

Em passeio pelo Porto

Em geral ele era extraordinariamente bem informado sobre tudo. Podia-se-lhe apresentar argumentos que teriam posto em embaraço muitas pessoas educadas na tradição hebraica integral, estando-se certo da sua simpatica e inteligente compreensão. Eu não teria podido encontrar melhor guia para as antiguidades hebraicas do Porto, que são de notavel interesse.

Visitamos a antiga Judiaria do Olival com a sua velha sinagoga transformada em igreja, e as ruínas dum outro edificio de culto em Monchique, fora da antiga cidade. Depois levou-me a ver o local onde deverá surgir o seu novo templo do qual será por estes dias posta a primeira pedra. Por uma curiosa combinação, é situado numa rua intitulada com o nome de Guerra Junqueiro — o maior poeta português do nosso tempo, que era de origem marana e que poderia ter servido de modelo a Rembrandt para um dos seus retratos de Rabinos. Os muros de vedação e as fundações estão já prontas, mas a construção deverá necessariamente seguir de vagar, dada a deficiência de meios, a não ser que surja qualquer inesperado golpe de fortuna. Com muita razão, eu penso, Barros Basto tende a fazer desta sinagoga um simbolo tangível do renascimento da vida hebraica em Portugal e um centro em torno do qual possam reagrupar-se os numerosos

maranos que visitam o Porto. Assim, outros problemas, que em circunstancias ordinarias poderiam considerar-se mais urgentes, devem ser adiados para melhor tempo.

Fez-me observar depois, enquanto passavamos proximo, uma porção de terreno que ele andava tratando de adquirir para fazer um cemiterio, mas pelo simples motivo de deficiência de fundos, a prática caminha muito lentamente.

«E entretanto como fazem?» lhe perguntei. Os olhos lampejaram-lhe de malicia, enquanto respondia com comica seriedade: «Por ordem de Mahamad é proibido a qualquer membro da Comunidade do Porto morrer, antes de estar pronto um local adequado para a sua sepultura». Quando voltavamos para o centro da cidade encontramos um jovem que nos saudou muito cerimoniosamente. O capitão pediu-me desculpa, e andou a falar com ele. Poucos minutos depois voltou e disse-me:

— «Este jovem é um dos nossos: é um viajante comercial, que anda em viagem pela provincia ha algum tempo Disse-lhe que havia officio no templo e prometeu-me que vinha».

— E' já hebreu oficialmente? lhe perguntei.

— «Ainda não, mas sê-lo-ha» foi a optimista resposta. Esta não é gente que se encoraje facilmente!

(Continua).

Cecil Roth.

(trad. do italiano).



A Quintessencia do Judaismo

Muitas pessoas julgam-se *bons judeus* porque observam um ou outro dos costumes judaicos.

Mas, os costumes judaicos são diversos enquanto que o judaismo é *um só*.

Assim, o costume oriental obriga os judeus do Levante, a levarem a mão á frente, ao coração e á boca, pronunciando o nome do Eterno (como faz Novelli no seu papel de Shylock), costume que não é conhecido

no Ocidente. E' para dizer: com os meus pensamentos, os meus sentimentos e as palavras que emanam da minha boca—servirei sempre o Eterno. Deste costume deriva a cerimonia cristã de fazer o sinal da cruz. Hoje ainda, os judeus hispanicos (Sephardim) poem a mão sobre os olhos, pronunciando o Shemá—uso que não é conhecido na Alemanha.

E' uso na sinagoga hispanica de Florença, aparecer perante a Thorah na oração da tarde nos dias de festa com os tefilin na frente e no braço—o que parece estranho para o serviço da tarde nos outros paizes do mundo.

Em Veneza, passa-se o xófar na sinagoga hispanica, na meia-festa de Sucot de homem—uso religioso que se não faz noutra parte.

Os judeus *Bachares* do caucaso, e os judeus *H'assidim* da Russia fazem gesticulações exaltadas no fervôr das suas orações que se regeitam na Europa Occidental.

O costume duma nova seita de Judeus americanos e inglêses, que se dizem *reformados*, de transferir a santificação do Sabado para o domingo e de nele fazerem oração ao som de sinos e órgãos—é regeitado pelos outros judeus do mundo, porque estas *formas* quebram todas as tradições.

Os costumes religiosos contradizem-se; resta-nos examinar o que é essencial ao judaismo? O que é preciso fazer para ser considerado como *bom judeu*?

A ortodoxia judaica não considera como *judeu* aquele que come carne de porco e que viaja ao Sabado, mêmso que ele seja filho paes judeus e inscripto desde a infancia nos registos duma sinagoga.

Por outro lado, os sionistas não reconhecem os ortodoxos como *bons judeus*—porque eles se opoem á colonisação da Terra Santa com elementos judaicos que não são piedosos.

Vejamos agora: E' *bom judeu* o judeu *neólogo* da Alemanha, que, viaja ao Sabado e que vem á Sinagoga apenas três vezes por ano, por meia hora, nas grandes festas? E que não observa nenhum mandamento prescrito pela Thorah?

Se todos estes elementos assim eterogenios tivessem o direito de se considerarem *bons judeus*—então o judaismo não seria já uma Comunidade religiosa.

Que é pois o judaismo?

Os descendentes dos Maranos de Por-

tugal e de Espanha, sentem-se ainda pertencendo ao *Santo Povo da Biblia*, orgulhosos de serem os filhos destes heroes, que preferiam ser queimados vivos, do que faltar á fidelidade á crença de seus paes. E tudo isto—sendo cristãos ha seculos.

Certos cristãos da Abissinia, orgulhosos de descender da sua rainha de Sabá e do rei Salomão, sentem-se atraídos para as Comunidades judaicas.

O judaismo será então sómente uma Comunidade de raça?

Mas o negro judeu, membro destas piedosas Comunidades israelitas da Africa, judeus fervorosos não teem a mesma raça que o judeu branco da Europa e da Asia, e comtudo ha *alguma coisa* muito poderosa, que os liga todos.

O que é pois?

Lord Byron, cujo busto acaba de ser coroado pela juventude de Atenas, era um melhor Helenista, que o ignorante pastor de carneiros, das faldas do Olimpo, apesar de ser de nacionalidade grega.

Cyro, rei da Persia, que á sua custa fez reconstruir o Templo de Salomão, e Dario, seu quarto sucessor, que enviava oferendas ao Templo e encarajava o seu acabamento, e finalmente o sexto sucessor de Cyro: Artaxerxes que enviou ao povo de Israel o profeta Esra para ensinar a Thorah (A Escritura Sagrada) estiveram mais perto do judaismo, que diversas pessoas de nossos dias, ignorando a Lei de Moisés, apesar de terem nascido de paes judeus e terem logar marcado na sinagoga.

Alexandre, o grande, admirando a Lei de Moisés, agraciando os sábios judeus com tógas de purpura e cadeias de ouro; Crowell dando hospitalidade aos judeus *para alojar o povo da Biblia na Inglaterra*; Napoleão I que queria reconstituir o antigo *Synhedrion* em França para julgamentos biblicos; o Cardeal Czernoch, de Budapeste, que não cessou de louvar a piedade dos judeus *observantes da sua religião*, o bispo Hechler, da Embaixada Inglesa de Viena, que cheio de admiração pela Religião-mãe da sua Igreja, e da Thorah, origem dos seus evangelhos, seguiu o primeiro congresso dos sionistas em Bale; todos estes estavam mais perto do da quintessencia do judaismo, que um judeu ignorante da sua Thorah.

Leroy-Beaulien na sua obra-prima: *Les juifs parmi les nations* descreve como os

operarios judeus na Russia, se reuniam à noite, depois de terminado o trabalho: *para estudar a Thorah.*

Que é pois o judaismo?

E' uma *Comunidade de almas*, que tem por fim: estudar a Thorah, applica-la à conduta da sua pessoa e da sua familia e de colaborar para adoçar os costumes e as leis dos paises, nos quais vive, e influenciar os gsvornos para conduzir os povos pelo caminho da Humanidade prescrito na Escrip-tura Sagrada da Thorah!

Quem cumpre este dever de estudar e de agir no sentido desta Escrip-tura Sagrada pode dizer-se *bom judeu.*

Joseph Lazarus.

N. da R. — Da carta que o nosso corre-ligionario Joseph Lazarus nos enviou acompanhando o artigo acima publicado, traduzimos por acharmos interessante para os nossos leitores o seguinte trecho: «Com 72 anos de idade, agradeço ao Eterno de me ter feito ver o regresso dos descendentes dos nossos mártires de Portugal à comunidade de nossos pais! E' a vós, senhor presidente e valoroso capitão que tal reparação da história é devida. Um monumento sobre a terra e as benções no ceu serão a vossa recompensa. Deus repara as faltas cometidas pelos reis. Foram os professores da Universidade, da academia das Belas-Artes e do Conservatorio de Musica (de Viena d'Austria) que me encarregaram de esclarecer o sociedade cristã e judaica de Viena, sobre a Nobrêsa do judaismo, mas foi o snr. que me deu a honra de falar ao puplico de Portugal, atravez do vosso jornal, o Ha-Lapid no qual o snr. quiz publicar o extrato do meu artigo sobre Israel e Ismael.» ...

• • •

*Visado pela Comissão
de Censura*

Vida Comunal

COVILHÃ

Visitou a nossa sinagoga o sr. Samuel Swarz, onde oficiou e fez uma prática enaltecendo os serviços que o sr. capitão Barros Basto fez em vir inaugurar a sinagoga na Covilhã; dizendo mais que este tem feito toda a propaganda sobre religião judaica porque não teme que a sua acção o possa prejudicar a dentro das suas obrigações militares. Disse mais ainda que todos deviam respeitar as ideias dos outros para que as nossas sejam tambem respeitadas. Em variada exposição mostrou os inconvenientes dos casamentos mixtos, e fez a apologia da fraternidade judaica.

A assistencia era de quarenta e tantas pessoas, todas assistindo com respeito e devoção.

Pela primeira vez apareceram na sinagoga as Ex.mas Sr.as D. Adelaide Nunes Monteiro, D. Guilhermina Nunes Monteiro, D. Laura Estrela e Santos e sua gentil filha M.lle Amelia Estrela e Santos.

—A sr.a D. Laura Estrela fez um donativo de 20\$00 para a sinagoga e o sr. Swarz 150\$00 para distribuir por cripto-judeus necessitados.

—Este ultimo donativo foi assim distribuido; Viriato Alegria, 50\$00; Ana Augusta de Sousa, 50\$00; Maria José da Cunha, 10\$00; Maria da Conceição, 10\$00; Felismina de Sousa Morão, 10\$00; Antonio de Sousa Brandão, 10\$00; Antonio Mendes, 5\$00; Leonor Mendes, 5\$00. Total, 150\$00.

—Inscreveram-se nesta comunidade declarando desejarem professar abertamente o judaismo 36 cripto-judeus.

—Foi pedida em casamento a menina Leonor Lopes, filha do sr. Antonio

Lopes Russo, cripto-judeu desta cidade para o sr. Rafael Diogo Henriques, filho de Antonio Diogo Henriques, cripto-judeu de Belmonte.

— Visitou esta Comunidade o sr. Abraham Bouzinski, importante negociante e escritor hebraico da Polonia, acompanhava-o o sr. Engenheiro Swarz. Houve uma reunião com assistencia de cripto-judeus da melhor sociedade covilhanense.

C A R I A

Parte brevemente desta localidade para Lisboa, onde vai fixar residencia, o nosso correligionario cripto-judeu sr. Francisco Mendes Morão e sua familia.

• • •

Obra do Resgate

PORTO—Foi recebido na aliança de Abraham em 19 de Dezembro (17 de Kislev) o cripto-judeu A. F. Pereira Pedrosa, natural de Gaia, de 38 anos, negociante; recebeu o nome de Abraham Jacob.

Egualmente foi recebido na mesma aliança o cripto-judeu da Covilhã, A. da Cunha, de 21 anos, natural da Covilhã, no dia 20 de Dezembro (18 de Kislev); recebeu o nome de Yomtob David. Besiman tob.

FUNDÃO—No dia 8 de Dezembro esteve nesta vila o sr. M. de Sousa Chicha, negociante de calçado, em missão da Obra do Resgate. Falou com varios cripto judeus, que manifestaram logo o seu desejo de regressarem abertamente á fé dos seus antepassados. Distribuiu varios livros de orações e estampas com a figura de Moisés nosso mestre. Entre as pessoas entusiastas estava o sr. Joaquim Henriques Abrantes.

Terra de Israel

—

Mil e oitenta judeus entraram na Palestina durante o mês de outubro.

—O coronel turco Sakin Schin Ruy, que comandou um batalhão na Palestina durante a guerra, numa entrevista declarou: Prefiro os que transformaram a Palestina desertica em aprazivel jardim. Viagei por excelentes estradas de Beirut a Haifa e Jafa, atravez de logares por onde, dantes, não podiam passar mulas. Os turcões não se interessam nos negocios da Palestina.

A Turquia é um estado moderno e só apoia a causa da civilização.

• • •

Publicações recebidas

—

O nosso correligionario de Lisboa, distinto médico Dr. Augusto d'Esaguy publicou em separata da «Medicina Contemporanea» um estudo sobre um notavel médico judeu, natural de Bragança, Isaac ou Baltazar Orobio de Castro, que esteve prisioneiro três anos na Inquisição de onde conseguiu sair, imigrando para França e para a Holanda onde morreu. A Inquisição queimou-o *em effigie* o que parece não ter molestado o insigne judeu que viveu muitos anos depois da sua morte official produzindo varias obras plenas de espirito combativo contra os seus algozes. O estudo é muito interessante e digno de figurar em todas bibliotecas israelitas.

—

O Dr. Arturo Robledo, publicou no «Imparcial» de Bogotá, Columbia um estudo sobre a personalidade e obras do nosso jovem amigo correligionario e distinto medico, Dr. Augusto d'Esaguy, de Lisboa. Recebemos uma separata deste trabalho que nos encheu de satisfação por uma tam justa homenagem prestada de alem fronteiras a um israelita português.